

HISTÓRIA

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

DEFESA DO FORTE DE COIMBRA

General JOÃO PEREIRA DE OLIVEIRA

Diffícil, e quiçá, irrealizável coisa, é estabelecer, de maneira incontrovertível, qual, dentre todos, o feito que pelo seu relêvo, há de ocupar o primeiro lugar na epopéia escrita com o sangue das nossas forças, em terras de Mato Grosso, ao tempo da insólita agressão que, graças à imprevidência e à tibieza da política vesga que então seguíamos, sofremos de Francisco Solano Lopez. Dêles, um só não há que não seja desmarcadamente grande, que não seja de inexcédível lustre, que se não possa equiparar aos outros, na magnificência de seus pormenores. Cronologicamente, porém, cabe tão vultosa honra à resistência oposta pela guarnição do Forte de Coimbra.

Quando abalou de Assunção, em demanda daquele Forte, a esquadra paraguaia, que o devia forçar pela ameaça, ou, baldada esta, pelo bombardeio, a que se rendesse, fazia apenas trinta e um dias que o nosso ministro acreditado ali recebera a declaração de guerra do presidente Lopez. Era aos 14 de dezembro de 1864. Constituíam-na os vapôres de guerra *Taquari*, *Paraguari*, *Igurei*, *Rio Blanco*, *Iporã*, as escunas *Independência*, *Aquidabã*, *Rosário* (1) e duas baterias flutuantes ou lanchas-canhoneiras (2).

A essas embarcações, juntaram-se, pouco depois, em Concepción, os vapôres *Salto*, *Rio Apa* e *Marquês de Olinda*.

(1) As escunas estavam armadas do seguinte modo: *Independência*, 4 peças; *Aquidabã*, 4; *Rosário*, 2.

(2) "Embarcação sólida de fundo chato, armada com um canhão de 68, atrando ao lume d'água — Lopez empregou muito êsse sistema simples de lancha-canhoneira durante a guerra. Para os rios é excelente máquina de guerra. Amarrada à margem do rio, em lugar de pouco fundo e onde não possam chegar navios, pode escolher as melhores posições" (Jourdan — *História das campanhas do Urugual, Mato Grosso e Paraguai*, vol. II, pág. 34).

Eram, assim, por tudo, em número de treze as embarcações paraguais, que iam entrar em águas brasileiras, para dar início à obra imaginada por Lopez, no desvairamento de seu orgulho. Artilhavam-nas cinqüenta e um canhões.

Por tropas de desembarque, vinham: de Assunção, quatro batalhões de infantaria de oitocentos homens, doze peças raiadas de artilharia a cavalo e foguetes à Congreve de 24; de Concepción, mil homens.

Dirigia a esquadra, o comandante Meza; comandava a expedição, o coronel Vicente Barrios, cunhado de Lopez.

Em combinação com esta, marchava por terra, sob o comando do coronel Francisco Isidoro Resquin, forte coluna de cavalaria, de cinco mil homens, com seis peças de artilharia.

Aos 26 de dezembro, à noite, chegava, alfim, e sem que ninguém o pressentisse, fundeava a esquadra inimiga ao norte, e a uma légua, mais ou menos, do Forte de Coimbra.

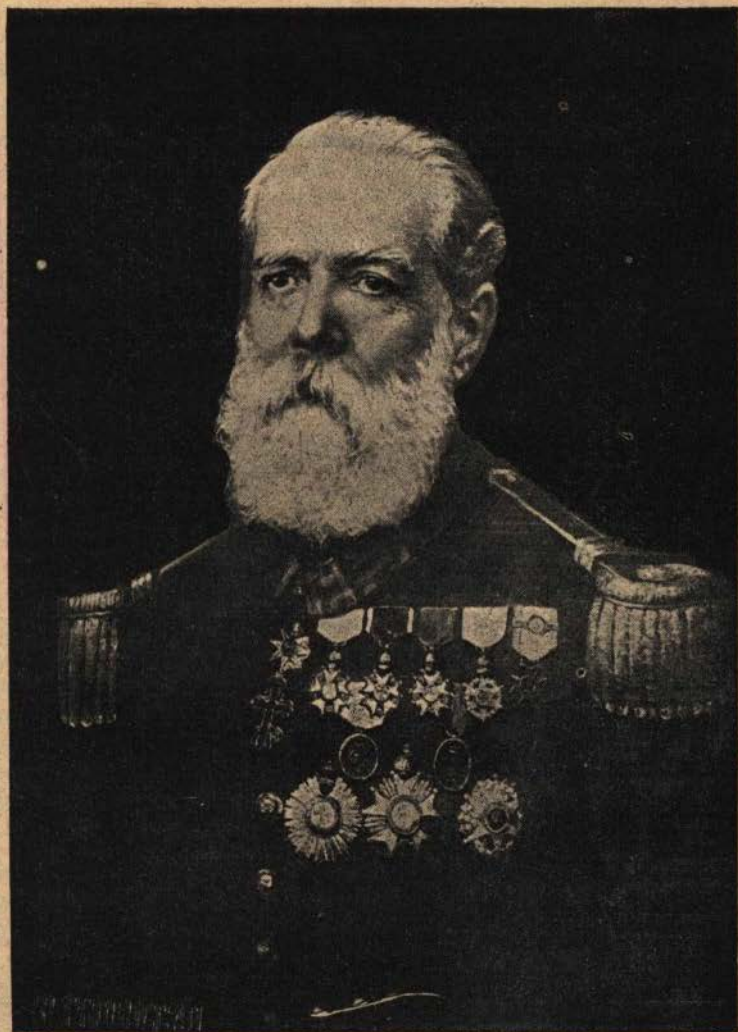
Estava por ser travada uma das lutas mais desiguais da história. Para fazer frente à poderosa expedição do comando de Barrios, não ia dispor o Forte — afora o *Anhambai*, pequeno vapor de rodas, com dois canhões de 32 e trinta e quatro homens — senão dos quarenta e seis homens que guarneciam, reforçados pelo Corpo de Artilharia de Mato Grosso (3), dez índios caduêos da tribo do capitão Lixagota, cinco guardas aduaneiros, cinco guardas nacionais, um operário contratado, dezoito presidiários e um visitante. Cerca de cento e cinqüenta e cinco homens.

Afortunadamente, encontrava-se ali, em visita de inspeção, o tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Pôrto-Carrerò, comandante de Distrito em Mato Grosso. Pôrto-Carrero era uma dessas almas predestinadas para as grandes emprêsas.

Ao ter ciência, na manhã de 27, que, às cinco horas, haviam as sentinelas e espias avistado, ao levantar de forte cerração, embarcações inimigas, no número das quais estavam algumas a vapor, reuniu Pôrto-Carrero a sua pouca gente, guarneceu, para logo, cinco bôcas de fogo com trinta e cinco homens, seis banquetas com quarenta homens e as seteiras da 2ª Bateria com oitenta homens, determinado a perecer, oferecendo ao mundo o exemplo de uma resistência heróica.

Aguardava, porém, para romper o fogo, que a esquadra inimiga se aproximasse, quando, às oito e trinta, precedendo a esta, se avizinhou do Forte um escaler, dentro do qual se achava um oficial paraguaio. O

(3) O Corpo de Artilharia tinha os seguintes oficiais: major Rêgo Monteiro, comandante; capitães Ferreira Souto e Augusto Conrado; 1º tenente Camargo Bueno; 2º tenente Oliveira Melo (figura no Almanaque Militar de 1865 como promovido a 1º tenente em agosto de 1864, o que se ignorava em Mato Grosso); 2ª tenentes Monteiro de Mendonça, Paulo Corrêa, Ferreira da Silva, Oliveira Barbosa e Fernandes de Andrade; 2º cirurgião Pereira do Lago.



Tenente-Coronel HERMENEGILDO DE ALBUQUERQUE
PORTO-CARRERO

oficial chegou, desembarcou, e dirigindo-se a Pôrto-Carrero, pouco antes instrutor do exército de seu país, fêz-lhe entrega de um officio. Subscrevia-o o chefe inimigo. Era uma intimação concernente à rendição do Forte. Transcrevemo-la:

“Viva la Republica del Paraguay!

“A bordo del vapor de guerra paraguayo Iguerey, el 27 Diciembre 1864.

“El coronel comandante de la división de operaciones en el Alto-Paraguay, em virtud de órdenes expresas de su gobierno, viene á tomar posesión del fuerte bajo su comando; y queriendo dar una prueba de moderación y humanidad intima Ud. para dentro de una hora se lo entregue, pues en contrario, expirado ese plazo, pasará á tomarlo á viva fuerza, quedandose la guarnición sujeta á las leyes del caso. Mientras espera su contestación; es de Ud. attento servidor. — *Vicente Barrios.* — Al señor comandante del Fuerte de Coimbra.”

Pôrto-Carrero desdobrou o officio, leu-o e respondeu:

“Distrito Militar do Baixo-Paraguai, no Forte de Coimbra, 27 de Dezembro de 1864.

“O tenente-coronel comandante dêste Distrito Militar, abaixo assinado, respondendo à nota enviada pelo sr. coronel Vicente Barrios, comandante da divisão de operações do Alto-Paraguai, recebida às oito e meia da manhã, na qual lhe declara que, em virtude de ordens expresas de seu govêrno, vem ocupar esta fortaleza, e que, querendo dar uma prova de moderação e humanidade, o intima para que se entregue no prazo de uma hora, e que, caso não o faça, passará a tomá-lo à viva fôrça, ficando a sua guarnição sujeita às leis do caso — tem a honra de declarar que, segundo o regulamento e ordens que regem o Exército Brasileiro, a não ser por ordem da autoridade superior, a quem transmite neste momento cópia da nota a que responde, só pela sorte e honra das armas a entregará; assegurando a s.s. que os mesmos sentimentos de moderação que s.s. nutre, também nutre o abaixo assinado.

“Pelo que o mesmo comandante abaixo assinado, fica aguardando as deliberações de s.s., a quem Deus guarde. — *Hermenegildo de Albuquerque Pôrto-Carrero, tenente-coronel.* — Ao Sr. coronel Vicente Barrios, comandante da divisão em operações no Alto-Paraguai.”

O official voltou com essa réplica digna do descendente de uma nação de bravos.

Uma hora depois, fôrças inimigas principiaram a desembarcar às margens direita e esquerda do rio.

Era chegado o instante das decisões supremas.

Foi, então, que o *Anhambá* começou a desempenhar o brilhante papel, que desempenhou, durante os dois dias da formidanda reacção. Comandava-o o arrojado 1º tenente Balduino José Ferreira de Aguiar.

Às dez e trinta, passando por diante do Forte, rumou o *Anhambá* para o ponto do primeiro desembarque, à direita do rio, e por três vèzes varejou com os seus canhões várias colunas de infantaria e uma de artilharia, que já estavam em marcha.

A êsses disparos do *Anhambá*, revidou o inimigo, incontinentemente, com tiros dos seus vapôres e das suas baterias flutuantes; mas, de tão longe o fêz, que os projéteis mal atingiram a meia distância.

Entrementes, tão só o Forte se mantinha mudo. O tenente-coronel Pôrto-Carrero continuava a esperar, sereno, que o adversário se avizinhasse. Tanto que êste, por volta das quatorze horas, se acercou do Forte, recebeu violentos fogos de artilharia e a fuzilaria das seteiras crepitou.

Daí em diante, multiplicaram-se, de parte a parte, os rasgos de temeridade. Afinal, mau grado a superioridade numérica do inimigo, triunfou, nesse primeiro dia de renhida pugna, a abnegação dos nossos. Às dezenove e trinta, os paraguaios cessaram o fogo, retiraram-se e reembarcaram.

Com a retirada do inimigo, contaram-se os cartuchos de infantaria. Dos doze mil, que havia, dois mil dos quais fornecidos pelo *Anhambá*, já não restava senão dois mil e quinhentos. Nove mil e quinhentos tinham sido gastos.

Dada essa carência de cartuchos, e visto que se não podiam apartar dos parapeitos os lidadores sem mêdo e sem mácula a quem estava confiada a guarda daquelas remotas paragens do Brasil,urgia que os fabricassem, no transcurso daquela noite memorável, as setenta mulheres que se haviam acolhido, ermando os lares amados, ao recinto daquele Forte legendário. Não as desalentou a magnitude do encargo. Estimuladas pelo exemplo de d. Ludovina de Albuquerque, virtuosa espôsa do tenente-coronel Pôrto-Carrero, entraram a amassar, a pancadas de pedra, balas de adarme 17, até que, reduzidas a pequenos cilindros, se pudessem acomodar às espingardas "Minié", e, assim, alcançaram produzir cêrea de seis mil cartuchos.

Aquelas mulheres eram a personificação da honra, da lealdade e da perseverança. Outras não se viram nunca jamais que tanto dignificassem um povo. Ditosa a pátria que tais filhas teve!

No dia 28, localizadas as suas baterias flutuantes em pontos diversos dos anteriores, voltaram os paraguaios a acometer o Forte.

O novo ataque teve início cedo. Eram sete horas, quando a artilharia de 68 começou a alvejar o portão principal, para o arrombar, e as peças raiadas romperam o fogo, para abrir brecha ao lado.

Esse bombardeio se prolongou das sete às quatorze horas, fragoroso e intenso. Às quatorze horas, o 6º Batalhão paraguaio, com setecentos homens e duas bôcas de fogo, sob o comando de Luiz González, investiu com furor contra as seteiras da 2ª Bateria do intrépido 2º tenente João de Oliveira Melo. Recebeu-o a inamolgável reação dos nossos.

A luta tomava agora proporções que evocavam uma peleja de gigantes de lenda. De momento a momento, à maneira de ondas revôltas, que avançam, recuam, retumbam, se abaixam, se empolam — coroadas de espuma — na vastidão infinita dos mares, assim arremetia o inimigo aos parapeitos do Forte, ao clamor dos seus “vivas” e aos gritos desordenados de “rendam-se!”. A cada instante, também, enchiam os defensores do Forte aquêles ares patricios do estrondear de descargas e do rumor dos seus “vivas” ao Imperador, aos brasileiros e ao Corpo de Artilharia de Mato Grosso. Em um de seus épicos arranços, lograram oito paraguaios penetrar no recinto do Forte; mas ficaram ali mesmo: um aprisionado e os demais traspassados pelas baionetas dos nossos.

E, assim, sem descanso, embateram-se, por tôda a tarde, aquelas vagas bravias de pelejadores audazes. Às dezenove horas, retiraram-se os paraguaios; e, como os viu longe, mandou Pôrto-Carrero que se destacassem duas sortidas, para a consumação desta obra eminentemente pia — a busca dos seus feridos. A uma, comandava o bravo capitão Antônio José Augusto Conrado; a outra, o benemérito 2º tenente João de Oliveira Melo.

As sortidas foram. Os perigos e os obstáculos não arrefeciam nunca o ardor, não abalavam o entusiasmo, não esmoreciam a fé daqueles homens, a quem o destino azara ensejo de cometer um dos mais sublimados feitos de armas de que há memória. Ao revés, afervoravam-nos.

Transcorrido algum tempo, recolhiam-se ao Forte dezoito feridos do inimigo. Dêsses, um padeceu amputação do braço esquerdo, outro faleceu e os restantes receberam os curativos de que careciam. Com os feridos, recolhiam-se também oitenta e cinco armas, muitos bonés, dois dos quais pareciam de oficial, uma proclamação, algumas notas de dinheiro paraguaio e outros objetos de pequena monta. Finalmente, pelo que diziam as sortidas, cem cadáveres jaziam esparsos na proximidade e havia gemidos no interior do mata.

Não tardou, porém, que se desfizesse na alma dos defensores do Forte, como neve à quentura do sol, a alegria expansiva, que lhes viera irrogar a retirada do adversário. Mal haviam regressado as sortidas, perceberam as sentinelas, rumo feito ao portão, forte massa de tropas paraguaias. Era uma coluna de infantaria e de cavalaria, com quatro bôcas de fogo, que acabava de desembarcar. Favoreciam-lhe a marcha as sombras dos tamarineiros, que além, a seiscentos e sessenta metros, aproximadamente, convizinhavam, solenes, banzeando no espaço a ragem tostada.

Informado da aproximação do inimigo, dirigiu-se o tenente-coronel Pôrto-Carrero ao comandante do Forte, por saber quantos cartuchos tinham. E como soube, por tê-los esmado neste número o capitão Benedito de Faria, que não iam além de mil, deliberou o insigne soldado reunir em conselho os seus oficiais, inclusive o comandante do *Anhambá*, para lhes mostrar a situação que atravessavam. Fêz-lhes ver a insufi-

ciência do cartuchame de infantaria, referiu-lhes a impossibilidade de nova fabricação, tanto pelo excesso de fadiga das setenta heroínas, que os ajudavam a defender o Forte, quanto por se haverem esgotado as balas de adarme 17, e rematou lembrando-lhes a prostração em que os deixaram as vigílias e os jejuns forçados.

Acabada a exposição, comovedora e breve, do tenente-coronel Pôrto-Carrero, aßentou-se, por consenso unânime, que se abandonasse o Forte, naquela mesma noite de 28 para 29.



FORTE DE COIMBRA

Resguardados, então, da vigilância do adversário, pelo negror que amortalhava a natureza inteira, embarcaram todos no *Anhambai*, e lá se foram, rio acima, silenciosamente. No alto, cintilava o Cruzeiro do Sul; e, em baixo, o rio, sempre a fluir, ora vivo, ora lento, fazia lembrar, no rumorejo das suas brancas águas, o terno sussuro de ferventes preces, que se elevassem a Deus, pela vitória da justa causa, em cuja defesa, por todo um lustro, se verteu o generoso sangue das nossas valorosas tropas.

Para galardoar os que mais se salientaram pela coragem, pela constância e pela serenidade de ânimo, nas horas mais sombrias, nos minutos mais arriscados, nos segundos mais angustiosos, nos transe mais dese-

peradores da formidável resistência (4), instituiu o Governo Imperial uma medalha, com esta legenda, que lhes definia, maravilhosamente, as nobilíssimas virtudes — *Valor e Lealdade*.

(4) Praças e civis que mais se distinguiram, e que, por isso, foram condecorados: 2º cadete sargento-ajudante Manuel Eugênio Barbosa; 2º Sargento Firmino Cesário Monteiro; 1º sargento Antônio Luiz Vieira; amanuense da Polícia, Manuel Nonato da Costa Franco; guardas da alfândega Alexandrino Urbano de Araújo, Justino Urbano de Araújo, Laurindo Antônio da Costa, Manuel Sabino de Melo e Evaristo Pires de Barros; civil, Américo de Aluquerque Pôrto-Carreiro; guardas nacionais Melquiades de Oliveira Garcia, Estevão Antônio, Caetano Pais Rodrigues e Francisco de Campos; operário Américo Francisco dos Santos.

RÁDIOS — DISCOS
PIANOS — MÁQUINAS
DE LAVAR

TELEVISÃO — ACORDEONS
ENCERADEIRAS
REFRIGERADORES

REI DA VOZ

APARELHOS ELETRO-SONOROS S. A.

MATRIZ

RUA URUGUAIANA, 38-40 — TELEFONE 42-1386

DEPÓSITOS

RUA RIACHUELO, 339
TELEFONE 32-8654

Av. HENRIQUE VALADARES, 61
TELEFONE 32-0737

FILIAIS

Av. N. S. COPACABANA, 750
TELEFONE 57-8010

RUA SENADOR DANTAS, 48
TELEFONE 42-6020

RUA DIAS DA CRUZ, 69
TELEFONES: 29-0075 e 29-0076

RIO DE JANEIRO